

KENON: CONSIDERAÇÕES PARA A INDIVIDUAÇÃO ENTRE A REALIDADE AUTÊNTICA E INAUTÊNTICA NO PENSAMENTO DEMOCRITIANO

KENON: REMARKS TO THE INDIVIDUATION BETWEEN AUTHENTICAN
INAUTHENTIKY REALITY ON DEMOCRITEAN THOUGHT

FERNANDO ROCHA SAPATERRO**

Resumo: Demócrito considera a Física constituída por uma realidade dupla, os átomos e o *kenón*, e tal constituição, acessível ao intelecto requer também uma ponderação dos sentidos. Ambos modos de conhecimentos encontram sua unidade devido a uma consideração sobre o *kenón*. Ele é quem viabiliza a realidade empírica e a une ao que o intelecto conhece. De um certo modo, o *kenón* é o princípio necessário da realidade considerada em sua totalidade.

Palavras-chave: Demócrito; *kenón*; conhecimento autêntico e inautêntico.

Abstract: Democritus considers Physics as made of a double reality, the atoms and the *kenón*. Such proposal can be grasped by intellect although it requires a ponderation of the senses. Both kinds of knowledge reach their unity taking into account the *kenón*. It is the responsible for the feasibility of empirical reality, uniting it to that which the intellect can apprehend. In a way, the *kenón* is the necessary principle of reality as it is taken in its totality.

Keywords: Democritus; *kenón*; authentic and inauthentic knowledge.

Ao que parece, a noção de individuação destacada entre nós, modernos, não corresponde em sua totalidade à concepção antiga, a quem pagamos tributo, certamente, a Aristóteles. O que pretendemos abordar, no entanto, não se situa especificamente nas distinções feitas por Aristóteles. Nosso objetivo é apresentar como em Demócrito já encontramos suscitada essa noção de individuação, e como ela está intimamente conectada à noção de *kenón*, que é determinante na consideração da realidade empírica, chamada por Demócrito de inautêntica. Nesse sentido, o problema é a investigação de um princípio de individuação, ou ainda, o que possibilita e garante o

* Fernando Sapaterra é investigador na Pontifícia Univ. Católica de S. Paulo. E mail: fsapaterra@gmail.com

mundo real enquanto dado cognoscível, bem como a realidade substancial dessa mesma realidade.

Temos uma percepção da realidade acessível aos sentidos, dita empírica, por meio de um conhecimento superficial, mutável, e, muitas vezes, inseguro. Mas não negamos realidade às coisas imutáveis, perenes. O pensamento pré-socrático se deparou com esse problema e buscou sanar sua tensão de vários modos. Para Demócrito esse problema ainda resiste, e o que nos chama a atenção é o modo de Demócrito distinguir o conhecimento: um apresenta o imutável, chamado de autêntico e outro, advindo dos sentidos, chamado de inautêntico ou bastardo; um diz respeito à realidade, ontologicamente considerada, e é confiável, outro, constituído pelo aparecer das coisas, empírico não é digno de confiança devido ao aparecer. No entanto, se analisarmos o que diz Demócrito, o espantoso é que essa realidade é única e não duplamente constituída. Não são duas realidades ou uma realidade a ser desprezada enquanto a outra é posta em relevo, mas uma única. O que pretendemos apresentar aqui é que essa realidade em seu todo só pôde ser assim considerada devido a um elemento no pensamento democrítico: o *kenón*¹. Para isso nos serviremos de três argumentos: o primeiro diz que a realidade é um todo, sintetizado por dois princípios, os átomos e o *kenón*; o segundo que se baseia na presença intercorpórea do *kenón*; e, por fim, a consideração de que o conhecimento inautêntico é sempre uma relação.

1.

A realidade é, para Demócrito, constituída por um princípio duplo: átomos e *kenón*. Ambos não são elementos (*στοικεῖα*) como a terra, o ar ou o fogo, mas vistos como princípios aos quais se reduz a realidade como um todo. É também forçoso admitir que essa realidade tem uma constituição conhecida para além dos sentidos, pelo intelecto, não por um conhecimento concordante com a opinião, inautêntico ou bastardo, mas segundo a verdade que dirige o intelecto, o qual admite ser essa realidade empírica formada pelos átomos e pelo *kenón*. Esse todo não é apenas um todo informe, mas constituído de coisas, de seres, de indivíduos, é uma realidade múltipla e ordenada, formada, cósmica. O que os sentidos conhecem em consonância com a opinião é essa realidade múltipla ou empírica.

¹ Como a tradução do termo *kenón* por “vazio”, “não-ser”, “vácuo” traz algumas dificuldades, utilizaremos para o desenvolvimento desse trabalho apenas o termo grego *kenón*.

É importante destacarmos que, para Demócrito, o que aparece aos sentidos é algo que conhecemos de maneira superficial, porém dizemos conhecer, pois a realidade não é ilusória. Isso distingue a filosofia atomista do pensamento eleático, para quem esse conhecimento imediato parece ser fonte de erros, ou ainda, uma irrealidade, ou um não-ser. A consideração de Demócrito é que o todo possui uma multiplicidade sustentada por um princípio unitário, que nesse sentido não difere de outros anteriores a ele – tais como Empédocles ou Anaxágoras – que propõem uma redução da realidade empírica a uma espécie de princípio. Assim, Demócrito ao identificar a realidade empírica, caracterizada pelo movimento e pela pluralidade, diz que ela é passível de conhecimento, e o conhecimento que temos dela é inautêntico ou bastardo. Os sentidos não nos oferecem conhecimento verdadeiro a respeito das coisas individuais, pois é um tipo de conhecimento inautêntico, marcado pelo movimento e pelas aparências, cujo caráter não é infalível². Por isso, muitas vezes, distinguimos uma mesma realidade de maneira diversa e dizemos que algo é doce ou amargo, brilhante ou fosco. Essa mesma realidade empírica tem seu substrato ou sua constituição em duas outras realidades, conhecidas pelo intelecto, ou como diz Demócrito, conhecidas segundo a verdade, que são os átomos e o *kenón*.

O que é próprio do conhecimento intelectual não pode ser estranho aos sentidos e, por isso, as sensações têm papel importante num primeiro momento, de modo a aproximar a realidade empírica da intelectual. Para Demócrito, a realidade empírica só é sustentada e passível de ser conhecida se for constituída por dois princípios necessários: átomos e *kenón*. Eles não constituem dois dados empíricos, mas dois dogmas, princípios ou axiomas para o conhecimento, segundo atesta o testemunho de Diógenes Laércio: “princípios (ἀρχαί) de toda a realidade (ὅλων) são os átomos (ἄτομος) e o vazio (κενόν) enquanto as outras coisas são meras opiniões” (SL 93/DK 68 A 1)³. Há de se considerar uma realidade múltipla, sólida e indivisível (os átomos) que sustenta a realidade empírica e, junto dela, o que podemos

² Cf. KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p.436.

³ Para o estudo de Demócrito utilizamos duas edições que consideramos distintas e complementares para a pesquisa: DIELS, H.; KRANZ, W. *I Presocratici*. Milano: Bompiani, 2008; LURIA, S. *Demócrito*. Milano: Bompiani, 2007. A obra de Diels recebeu de Walter Kranz sua última edição e revisão em 1951, enquanto a obra de Salomon Luria, em posse de novas descobertas, edita *Demócrito* em 1970. A obra de Luria é complementar para o estudo de Demócrito, pois considera as novas descobertas e as críticas aos fragmentos considerados falsos, que foram incorporados por Diels e Kranz anteriormente. Todas as traduções são nossas, e, para tal, consideraremos para a obra de Salomon Luria a abreviação dos fragmentos em “SL”, e, para

considerar razão de sua descontinuidade e possibilidade de constituição múltipla, designada por *kenón*.

Contrário ao que propunham seus precursores, ao designarem por unidade um único elemento, nosso filósofo se lança a afirmar não apenas um, mas vários. Em princípio, a afirmação de um elemento apenas parece solucionar o problema de fundação do todo no um, o que incorre na afirmação de um ser contínuo. No entanto, se assumimos a posição unitária do elemento, há a necessidade de se mascarar, senão negar, a realidade empírica e, com ela, o movimento, o que para Demócrito parece não fazer sentido. Considerar os átomos inaugura uma descontinuidade do ser. Assumimos a interpretação de Salem que vê em Demócrito um avanço em relação a Anaxágoras e Empédocles ao propor que só se dá conta da realidade empírica pela proposição de uma descontinuidade do ser⁴.

Essa dupla consideração possibilita romper com a continuidade e dizer de uma única realidade plural, empírica e simultaneamente inteligível. Isso parece ser uma solução que viabiliza tanto a multiplicidade (que os sentidos captam) quanto a unidade (que o intelecto conhece). O problema, porém, com o qual se depara Demócrito é esse: como o que vem do conhecimento bastardo ou inautêntico pode dizer respeito à mesma realidade advinda pelo conhecimento autêntico, em outras palavras como as percepções de grandeza, de sabor etc. são no fundo átomos e *kenón*?

Vejamos o seguinte fragmento de Demócrito:

Por vezes Demócrito nega aquilo que aparece aos sentidos (αἰσθήσει), e diz que nada disso parece concordar com a verdade (κατ' ἀλήθειαν), mas apenas concordar com a opinião (κατὰ δόξαν): a verdade nas coisas reais é que há átomos (ἄτομους) e vazio (κενόν). 'Por convenção (νόμωι) doce', diz ele, 'por convenção amargo, por convenção quente, por convenção frio, por convenção cor': mas na realidade, átomos (ἄτομα) e vazio (κενόν) ... uma pessoa deve conhecer, segundo esta regra, que está afastada dessa realidade. (SL 55/DK 68 B 9)

Ao primeiro olhar poderíamos supor que a consideração de dois elementos para a constituição do todo, cujo conhecimento só é possível de modo autêntico ou intelectual e não bastardo, explicaria, por si só, os problemas

H. Diels e W. Kranz, o que é tradicionalmente aceito para os estudos dos pré-socráticos: "DK". O que for comum a ambos será citado por uma dupla notação.

⁴ Cf. SALEM, J. *L'atomisme antique* – Démocrite, Épicure, Lucrèce. Paris: Librairie Générale Française, 1997, p.22.

do movimento e da pluralidade do cosmos. Mas o que nos escapa ao olhar é o que Demócrito quis afirmar por meio desses dois princípios.

Devemos considerar que Demócrito entende por “átomo” um elemento sólido, compacto, uno, ou seja, um princípio que subsiste a uma série de divisões, resistindo por fim à infinitude e à divisibilidade de Zenão. Esse uno, compacto, só poderia ser para ele “indivisível”, como a própria etimologia sugere: “o que não pode ser dividido”, pois, caso contrário, não teríamos uma realidade subsistente, mas uma apenas aparente, e o movimento seria ilusório. Porém, como ele diz, essa unidade indivisível não é única, mas múltipla, ou seja não há átomo, mas átomos. Podemos entender que o princípio não é uma unidade única, mas plural, já sugerido pela proposição sobre a descontinuidade do ser. Contudo, essa realidade plural dos átomos mantém a unidade e a característica do ser parmenídeo, no sentido de que eles não são diferentes entre si, mas o mesmo sempre, modificando-se apenas seu aspecto quantitativo, como atesta Robin: “sendo os átomos a extensão plena repetida a um número infinito de exemplares, toda propriedade que não está contida nessa essência fundamental do Ser será ... excluída dos átomos.”⁵. Assim, os átomos são de mesma natureza, sem mudança qualitativa e sem divisibilidade. Eles representam, assim, uma unidade substancial (por mais aristotélica que pareça essa noção em Demócrito) constituinte da realidade empírica segundo a forma, a figura ou a ordem. Aristóteles na *Metafísica* esclarece isso:

(...) os dois juntos (átomos e *kenón*) constituem as causas materiais das coisas existentes. E tal como aqueles que fazem uma só da substância fundamental geram as outras coisas por intermédio das suas modificações e postulam a rarefação e a condensação como origem dessas modificações, assim também esses homens dizem que as diferenças são as causas das outras coisas. Segundo eles (Leucipo e Demócrito), estas diferenças são três – forma, ordem e posição ...⁶

Essa unidade indivisível tratada por Demócrito, cujos arranjos qualitativos acontecem somente pela forma, pela figura ou pela ordem, que, em suma, não são mudanças daquilo que é o átomo, por si só não esclarece a existência da realidade empírica, identificada pelo movimento, ou seja, ele não encontraria explicação na unidade citada. É por isso que é preciso considerar

⁵ ROBIN, L. *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*. Paris: Albin Michel, 1973, p. 139.

⁶ ARISTÓTELES. *Metafísica* A, 4, 985b 4. In: KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Op. cit., p.437.

um outro princípio: o *kenón*. Por mais que pareça somente querer esclarecer o problema do movimento, sua introdução vai ao encontro da descontinuidade do ser e da afirmação de que os átomos, enquanto multiplicidade, não deixam de ser individuações ou autênticas unidades situadas em um lugar. Este, que recebe o nome de *kenón*, além de permitir o movimento é o que viabiliza o conhecimento que advém pelos sentidos.

Sugerimos, assim, que haja uma unidade entre o autêntico e o inautêntico, entre o inteligível e o sensível, e que isso se deve à introdução do *kenón*, pois é o princípio que viabiliza a distinção dos corpos, bem como sua constatação.

2.

O testemunho de Aécio diz que para Demócrito “por natureza a cor não é, enquanto os elementos, ou seja, os sólidos e o vazio (*κενόν*), são privados de qualidade...; destes dependem, de fato, as outras coisas, que são todas puras representações (*φαντασίαι*).” (SL 94/DK 68 A 125). Sem especificar o que são os sólidos, cujas interpretações sempre afirmam serem os átomos, e determinando a condição do *kenón* para a existência das representações, Demócrito não despreza, mas une o inautêntico ao autêntico. Aqui, realidade amplia seu sentido ao se referir aos seus princípios constitutivos – átomos e *kenón*, bem como ao que aparece aos sentidos ou ao inautêntico. As representações são consideradas em relação aos princípios.

O que nos parece é que o *kenón* é o vínculo da realidade considerada em seu todo (*ὅλων*), ou seja, tanto o que diz respeito ao conhecimento inautêntico como para a realidade autêntica. Se os corpos são distintos uns dos outros porque encontramos o *kenón*, e isso é o que nos atesta o conhecimento empírico, não podemos dizer que em sua constituição eles sejam diferentes. Os princípios da realidade devem garantir o modo de ser da própria realidade. No fundo a realidade é distinta porque seu princípio é distinto. A separação que encontramos nos átomos ocasionada pela presença do *kenón* se manifesta na realidade empírica pela separação dos corpos, e é isso o que nos permite crer ou opinar, e que não pode ser considerada realidade no sentido estrito da palavra.

Considerando a realidade como um todo, afastamos qualquer preconceito de irrealidade ao conhecimento inautêntico, mas damos a ele o tratamento devido: representação. Mesmo em meio às coisas que nos chegam como representações encontramos distinção entre elas devido ao *kenón* que lhes subjaz. O testemunho de Simplício diz:

Demócrito sustenta que a natureza da realidade eterna consiste em uma pluralidade infinita de substâncias pequeníssimas e, além disso, aceitam um espaço (τόπον) infinito em grandeza indicado pelo nome de vazio (κενῶι), nada (οὐδενί) e infinito (ἄπειρωι), enquanto indica cada uma daquelas substâncias com os termos algo (δενί), sólido (ναστῶι) e ser (ὄντι) (SL 172/DK 68 A 37).

Os testemunhos de Temístio e Porfírio, respectivamente, atestam que os corpos são considerados em consonância com o *kenón*: “o vazio (κενὸν) está disperso nos corpos” e “...os corpos são separados uns dos outros pelo vazio (κενοῦ)” (SL 268). Se há uma consonância dos corpos e dos átomos com o *kenón* é porque a realidade impõe-lhes algum aspecto necessário: ele é fundamental para afirmar o movimento e o conhecimento. Sob o caráter do conhecimento bastardo, o *kenón* apresenta o ser segundo as representações, e sob o aspecto do autêntico ele apresenta qual é seu princípio. Ambos só são possíveis porque o elo desses dois aspectos só se dá pelo movimento que lhes é dado pela presença desse princípio. O *kenón* está presente entre os corpos e está presente entre os átomos. Os átomos constituem a realidade porque se movem, o conhecimento da realidade nos chega porque os átomos produzem em nossa alma impressões da realidade segundo o movimento, as representações são atestadas pelos sentidos porque também são moventes. Ora, todo movimento só é possível devido ao *kenón*.

Se nos interrogamos quanto ao que pode ser conhecido é porque, de algum modo, apreendemos algo da natureza por meio de algo que está unido a essa mesma natureza. O que une a natureza das coisas à natureza do homem, e à natureza como um todo, é o espaço-lugar denominado *kenón*. Ao modo de união entre a natureza e nossa natureza que oferece um conhecimento superficial dela, Demócrito qualifica como conhecimento inautêntico. Todavia, esse tipo de conhecimento não está desvinculado da realidade como um todo e de seu conhecimento chamado autêntico, pois é nele que residem as opiniões e é dele que advém os juízos. Diz ele:

(...) que existe duas formas de conhecimento, uma que é adquirida pelas sensações (αἰσθήσεων) e outra que é obtida pelo intelecto (διανοίας). E chama esta última autêntica, reconhecendo que se pode confiar nela para julgar a verdade das coisas, enquanto qualifica a primeira como inautêntica, negando-lhe confiabilidade quanto ao que se refere ao conhecimento da verdade (SL 83; DK 68 B 11).

O que podemos depreender disso é que a realidade sendo única é do modo inautêntico representada, e do modo autêntico constituída por seus princípios. O conhecimento dado de modo autêntico ou inautêntico, porém,

dependem em última instância do *kenón* que subjaz tanto a realidade empírica como os átomos.

Não é nosso intuito discutir aqui os modos de conhecimento e como eles acontecem, mas a importância do *kenón* para considerarmos a realidade como um todo unitário. Demócrito afirma que por convenção (*νόμῳ*) temos doce, amargo, grande, pequeno e toda a sorte de distinções que operamos, mas tudo se resume a átomos e *kenón*. O que o mundo empírico nos oferece são excitações dos sentidos que é o mundo das convenções como algo que retemos de uma experiência imediata, temporal, momentânea ou por repetição. Normalmente somos excitados por algo que convenciamos nomear, dizer, conceituar, delimitar, imaginar, aquilo do qual temos uma experiência que se repete e sobre o qual designamos como sendo “de algum modo”. Aos sentidos as coisas sempre são de algum modo. Percebemos as coisas segundo modos de ser, segundo seu aparecer, segundo a imagem que carregam.

3.

Vejamos a seguinte observação dita por Sexto Empírico, cuja referência é próxima ao fragmento apresentado em SL 55/DK 68 B 9, e já citado anteriormente:

é verdade que do fato que o mel a uns pareça amargo e a outros doce, Demócrito concluiu que ‘o mel não é nem doce nem amargo’ – e por esse motivo juntou a isso seu céptico bordão ‘não mais que’ (*οὐ μᾶλλον*) – mas desta batuta, ‘não mais’ (*οὐ μᾶλλον*) servem-se de diferentes modos os cépticos e os seguidores de Demócrito. (SL 3/SL 85)

O mel pode ser doce para alguns e amargo para outros; no entanto, ele não é nem doce nem amargo, ou seja, o doce ou o amargo não existem enquanto realidade subsistente. O que ele é está além do que nossa opinião ou nossos juízos dizem sobre ele, pois o que nos aparece aos sentidos é uma convenção (cf. SL 55). Tais realidades são tratadas aqui pela expressão *οὐ μᾶλλον* que são as realidades convencionáveis ou aquelas que se submetem aos juízos das percepções sensíveis. Todavia, *οὐ μᾶλλον* indica a realidade única e não uma realidade dupla, o que poderíamos expressar do seguinte modo: tal coisa como aparece não é mais que o seu aparecer, e isso não diz o que ela seja no seu modo aparente, senão sua realidade subsistente – átomos e *kenón*.

Se essa realidade empírica, como muitos dos pensadores já disseram, não é o que subsiste, ou o que pode ser considerada a realidade última, há uma realidade tal a ser considerada, na qual a realidade empírica deve seu ser, o

que poderíamos dizer que é aquela que não está reduzida ao *οὐ μᾶλλον*, mas é propriamente relação. Essa expressão supõe uma relação existente entre a opinião e a realidade autêntica, caso contrário seriam simplesmente dissociáveis. Se a realidade como um todo é desejável ou satisfatória para o conhecimento é porque a realidade inautêntica assim lhe mostra. Por isso há uma sentença atribuída a Demócrito que diz que é preferível conhecer a individuação da causa mais que possuir o reino dos Persas ou a riqueza de Midas, ou seja, mais importante que qualquer poder advindo das glórias reais, heróicas ou guerreiras é o poder dado pelo conhecimento da realidade como um todo, que segue à verdade (cf. D. L. VIII e DK 68 B 118)⁷. Essa causa referida nos fragmentos democritianos remete não à multiplicidade das causas, mas àquela já distinta ao se propor o que é convencionável: o que está além do convencionado. A realidade empírica-mutável, designada aqui por *οὐ μᾶλλον* (amargo, doce, grande, pequeno etc.), é, ela mesma e não outra, átomos e *kenón*.

Esse aparecer aos sentidos, que é o convencionado ou o inautêntico poderia parecer irrelevante ou de grau inferior, se não considerássemos aqui o *kenón*. Se por um lado, como um dogma ou um axioma, Demócrito deve considerar essa realidade duplamente constituída – átomos e *kenón* – por outro lado eles nada ofereceriam ao conhecimento se não determinassem nosso tipo de conhecimento inautêntico. Os átomos constituem a realidade, e aqui dizemos realidade considerada ontologicamente, o que identifica os átomos ao ser. Todavia, a realidade não é estática, e assim sua constituição múltipla é movente, o que requer um outro constuinte não enquanto realidade, mas enquanto possibilidade da realidade e companheiro desta: o *kenón*. Ele tem duas funções em relação ao conhecimento: oferece a possibilidade de apreensão do movimento, o que viabiliza ao sentidos estarem ligados aos fatos da natureza, e, em última instância, são necessários para que haja impressão dos átomos na alma.

É necessária a consideração do *kenón* como constituição da realidade pois, além de viabilizar o movimento, é ele quem dá relevo aos sentidos para

⁷ A noção de individuação é uma interpretação de Salomon Luria na tradução grega de Demócrito que assumimos aqui como nossa. Essa interpretação também é apresentada por Diels para a palavra *ἀτιολογίαν* que, embora não apareça no texto a palavra individuação ou indivíduo, podemos interpretá-la como tal. As razões de Diels é que podemos identificar haver causas individuais segundo cada coisa: os fenômenos celestes, os fenômenos atmosféricos, os fenômenos terrestres, do fogo, das plantas, dos seres vivos. Essa interpretação corresponde à nota de SL sobre como Diels recolhe o fragmento de Demócrito, observando que coloca em confronto uma variedade de *aitiai*, os quais encontramos no fr. CXV, cap. VI. (cf. LURIA, *op.cit.*, p. 931).

que exerçam a função que lhes é confiada, ou seja, para que estes operem, de tal modo que o conhecimento inautêntico ocorra. No pensamento de Demócrito não há separação entre intelecto, conhecimento e realidade empírica. O intelecto não opera por si mesmo senão em consonância com o que advém dos sentidos, de maneira que os sentidos são excitados pelo movimento dos átomos que manifestam o intelecto; e o dito movimento só é possível devido ao *kenón*. É a existência do *kenón* que, ao propor a descontinuidade do ser e o movimento, une a realidade empírica e a inteligível em uma única e mesma realidade. Consideremos, então, alguns aspectos sobre o *kenón*.

4.

O termo *kenón* diz respeito ao vazio, assim como à privação, quase sempre utilizado em oposição a *pléos* e *pléres* (pleno, repleto, cheio) o que indica o “sem realidade”, o “vão”. Aristóteles interpretou o *kenón* de Demócrito como lugar, equiparando-o à mesma realidade do “nada” e do “infinito”⁸. Essa leitura é recorrente, e é um dos espinhos na filosofia de Demócrito: o *kenón* se refere a um espaço, a um vazio absoluto ou a um não-ser?

Desde a doutrina eleática consagrada por Parmênides e Zenão, na qual o ser é um corpo homogêneo e contínuo, uno absoluto e imóvel, na qual, segundo algumas linhas de interpretação, o movimento é uma ilusão, fica presente um paradoxo para Demócrito que é o de explicar a realidade plural e o movimento. Assim, Demócrito parece ter herdado a problemática eleática, como atesta Robin, Guthrie e Kirk, Raven e Schofield⁹, de que os corpos permanecem na unidade eleática, contudo constituídos segundo uma pluralidade que ele chama átomos, corpos ou partículas. Cada átomo é propriamente uma unidade sólida indivisível, ou ainda “uma entidade parmenideana” na conclusão de Barnes¹⁰. Para Demócrito, os átomos são verdadeiras individuações da constituição do existente e nenhum dos múltiplos átomos são divisíveis, mas sim uma autêntica unidade. Isso aparece contrário à afirmação eleática de que essa multiplicidade, aparente aos sentidos, não pode ser pensado

⁸ ARISTÓTELES *Sobre Demócrito ap. Simplicium de caelo* 295, 1. In: KIRK, G.S.; RAVEN, J.E.; SCHOFIELD, M. Op. cit., p.438.

⁹ ROBIN, L. Op. cit.; GUTHRIE, W.K.C. *A history of greek philosophy – v. II. The presocratic tradition from Parmenides to Democritus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987; KIRK, G.S.; RAVEN, J.E.; SCHOFIELD, M. Op. cit.

¹⁰ BARNES, J. *Filósofos pré-socráticos*. SP: Martins Fontes, 1997, p.54. Ver também, BARNES, J. Les penseurs préplatoniciens. In: CANTO-SPERBER, Monique (Org.). *Philosophie grecque*, Paris: PUF, 1997.

ou dita, pois não seria via segura para o pensamento que almeja conhecer a realidade. Para Demócrito, porém, essa realidade não pode ser descartada nem para os sentidos nem para o intelecto. Quanto aos átomos não nos resta muitas dúvidas do modo como Demócrito o vê. No entanto, a afirmação a respeito deles não esclarece o *kenón*.

Sendo a realidade como um todo constituído por esse duplo princípio, a leitura mais corrente é dizer que o átomo seria ser e o *kenón* o não-ser. Isso nos informa o próprio Aristóteles na *Metafísica*: “Leucipo e seu companheiro Demócrito sustentam que os elementos são o cheio e o vazio, aos quais dão o nome de o que é e o que não é, respectivamente...”¹¹. Para Aristóteles, “Demócrito denomina ‘não-ser’ (μὴ ὄν τι) e ‘ausência (de conteúdo)’ (στέρησις) o vazio (κενόν)” (SL 249). Nessa perspectiva, a observação de Salomon Luria é fundamental:

(...) todas as definições do vazio propostas por Demócrito são negativas. Propriamente falando, o vazio existe enquanto δυνάμει (‘potencialmente’), como algo que deve primeiro ou depois receber uma realidade maior ou menor (‘deve receber’ é do ponto de vista de Demócrito o mesmo que ‘receberá’; cf. fr.1). Com isto se extingue todo o seu direito de existir e por esta razão o vazio se denomina também ‘nada’, ‘Não-Ser’ (τὸ μὴ ὄν ou οὐδέν).¹²

É Aristóteles que esclarece o *kenón* como privação da continuidade. Se dizemos, conforme Robin, que a originalidade de Demócrito está na individuação enquanto ser descontínuo, isso é atestado segundo uma análise do *kenón*, sobre o que diz Aristóteles: “(...) existe um intervalo diferente entre os corpos que não é separado e nem existe em si mesmo em ato, assim dividindo em partes o corpo inteiro, privando-o de continuidade” (SL 255/DK 67 A 19). Assim, a relevância dada ao *kenón*, ao que nos parece, se dá de maneira mais original sobre a individuação do ser como descontínuo complementando a identificação dele com a afirmação do movimento.

Os fragmentos de Demócrito tratam o *kenón* como causa do movimento, mas a importância maior está na consideração do *kenón* como o princípio de individuação, de maneira que o movimento pode ser constatado porque as coisas ocupam um lugar individualmente. O que está repleto, cheio, pleno não pode conter nada do outro, pois se assim o fosse encontraríamos dois corpos em um só lugar. O *kenón* funciona como um lugar determinado pela ausência que garante a existência das coisas individuadas cujas identidades não se mesclam. Assim, da individuação provém a identificação. Conse-

¹¹ ARISTÓTELES, *Metafísica A*, 4, 985b 4.

¹² LURIA.S. *Demócrito*, p.1070 (249).

quência disso é que as coisas podem ocupar lugares (e o “lugar” é *kenón* ou nada é até ser ocupado pelo individuado), deslocarem-se, em virtude da individuação primeiramente e do movimento conseqüentemente.

No estudo apresentado por Luria, após a recolha feita por Diels e Kranz, percebemos que é primordial a consideração do *kenón* como princípio de individuação, em três aspectos: o da descontinuidade, o da admissão do movimento e o da impossibilidade de afirmar a existência de um não-ser absoluto. Quanto a essa terceira consideração, o mais plausível é dizer que se Demócrito assume a realidade como um “todo”¹³, e nela o *kenón* não pode ser absoluto, o que lhe confere não um princípio distinto mas coextensivo ou concomitante aos átomos. Não há um outro princípio, mas a consideração de um princípio “co-considerado”. O *kenón* é parte do todo.

Quanto à existência do movimento atestado na realidade empírica, o *kenón* é necessário pois se parte de uma constatação sensível, de um conhecimento que passa pela realidade empírica. Como podemos afirmar o movimento e não apenas ignorá-lo como se fosse uma ilusão? Pela constatação de que há um *kenón*, como um lugar a ser preenchido pelos corpos. Concomitante a ela, dizemos que tal coisa é possível pois “o que é” (ser) não é contínuo, e a continuidade impediria tal acontecimento. Se tudo estivesse repleto do “cheio”, o movimento não existiria. Só a partir de sua consideração é que podemos afirmar o movimento da realidade empírica e o que forma essa mesma realidade – o *kenón*. Ele é, juntamente com os átomos, pois não pode ser visto separadamente, e é assim a causa da descontinuidade do ser, ou uma espécie de princípio de sua individuação.

O movimento e a descontinuidade do ser nos levam a entender que o todo subsiste em seu elemento individuador, o átomo, porém, tal abstração considera necessariamente seu coextensivo, o *kenón*, que no dizer de Salem é condição *sine qua non* do todo¹⁴. O *kenón* ao possibilitar o movimento possibilita ao átomo constituir a realidade empírica que não é una, mas plural. A série de combinações dos átomos no *kenón* constituem segundo o movimento, a pluralidade enquanto geração e corrupção, nascimento e destruição. Essa realidade, assim, não ocorreria sem o *kenón*. Assim, mesmo que houvesse a presença de átomos não teríamos a constituição dessa realidade. Por isso, em última instância, o *kenón* não só é a causa do movimento, mas é o que traduz a individuação dos átomos, como um não-ser tão real quanto o ser. Para Robin, é preciso que a realidade do movimento seja admitida,

¹³ Cf. SL 255; ver também LURIA, S.Op. cit., p.1072, nota 2.

¹⁴ Cf. SALEM, J. Op. cit., p.23

para que “o vazio constitua, em face do ser, um não-ser tão real quanto ele; pois a pluralidade admite, que ela existe no não-ser do vazio, e não no ser, do qual ela não poderia sair.”¹⁵.

Disso, entendemos que *kenón* e átomos ao constituírem o todo, constituem-no, segundo um reconhecimento intelectual, enquanto princípios fundantes dele. É assim, propriamente, que os antigos designaram *arché* – uma espécie de princípio estabelecido para além da corrupção e geração dos seres. Ambos não formam uma realidade arquetípica dupla, mas uma só realidade, na qual um viabiliza o outro, na qual as representações se unem à verdade em uma realidade una, cujo conhecimento inautêntico tem sua importância, em Demócrito, devido à consideração do *kenón*.

[recebido em maio 2009; aceito em agosto 2010]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2001.
- BARNES, J. *Filósofos Pré-socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CANTO-SPERBER, Monique (Org.). *Philosophie grecque*. Paris: PUF, 1997.
- CHANTRAÎNE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1999.
- DEMOCRITO. *Raccolta dei frammenti, interpretazione e commentario di Salomon Luria*. Milano: Bompiani, 2007.
- DIELS, Hermann & KRANZ, Walter. *I Presocratici* – prima traduzione integrale con testi originali a fronte delle testimonianze e dei frammenti nella raccolta di Hermann Diels e Walter Kranz. Milano: Bompiani, 2008.
- GUTHRIE, W.K.C. *A history of greek philosophy* – v. II: The presocratic tradition from Parmenides to Democritus. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HOURCADE, Annie. *Atomisme et sophistique: la tradition abdelritaine*. Bruxelles: Ousia, 2009. (Cahiers de Philosophie ancienne n.21).
- KIRK, G.S. & RAVEN, J.E. & SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- MOREL, Pierre-Marie. *Démocrite et la recherche des causes*. Paris: Klincksieck, 1996.
- ROBIN, Léon. *La pensée grecque et les origines de l'esprit scientifique*. Paris: Albin Michel, 1973.
- SALEM, Jean. *L'atomisme antique* – Démocrite, Épicure, Lucrèce. Paris: Librairie Générale Française, 1997.
- SILVESTRE, Maria Luisa. *Democritea* – I documenti da Epicuro ad Aezio. Roma: Cadmo Editore.

¹⁵ ROBIN, L. Op. cit., p.138